

Há um saber e um falar que eu chamo de “psicanálise”. Que machuca e dói, mas que muitas vezes se transforma num raro e fino prazer. É o que resulta em nós quando há uma escuta possível. É o você em mim. Na linguagem da moda, é o outro que me revela e me descobre.

Frequentemente, se inicia com uma mãe. Algumas vezes, surge do encontro com um cidadão ou cidadã que se nomeia psicanalista. Posteriormente, acontece em qualquer lugar.

Os outros são vocês. Ou eu em vocês. Sem autoritarismos, sem violências, sem poder. Sem “poder”? Barthes, em sua *Lição* (1978), diz que é impossível, porque não se trata do discurso do poder, mas do poder do discurso, que está inserido na própria palavra. A palavra que surge como o substituto do prazer arcaico, o prazer simbólico, eludindo à grande tragédia da ausência. Por isso falamos, e já que falar é preciso, é em tons de história que vou narrar certas reflexões, certas inquietações que me acontecem desde que um senhor chamado Freud resolveu falar das suas. E todas as histórias têm que ter um título. Portanto:

## Autoritarismo: fatalidade psíquica?\*

Myrna Pia Favilli

Myrna Pia Favilli.  
(*in memoriam*).  
Psicanalista, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e analista de crianças e adolescentes. Foi diretora do Instituto Durval Marcondes e do Conselho de Coordenação Científica da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI).

\* Artigo publicado originalmente em IDE, v. 6, n. 8, 1980. p. 49-55.

Como vocês percebem, trata-se da história do superego. Entidade necessária e autorizada em nós, precipitado da repressão dos instintos, cerceador dos amores proibidos e das agressões catastróficas. Moral inconsciente. O filho da morte, sim, porque esta é uma história de vida ou morte, mesmo que vida seja apenas o caminho individual, singular, que cada um tem o direito de seguir até encontrar seu próprio desfecho.

A postulação do conflito entre Eros e Tânatos e suas estranhas consequências no pensar dos homens e no pensar o homem. A batalha dos dois gigantes, no dizer de Freud. E representados no indivíduo. E de Anankê, a necessidade, o mundo exterior imbricado na luta.

Eis, pois, que, de amores incestuosos e de ódios temidos, surge o superego, o outro instalado em nós com sua linguagem de poder. Que nos submete e nos obriga a buscar novos rumos. A repressão atuando como defesa de um ego frágil e encontrando uma saída honrosa: a identificação. Eu sou o outro. A fatalidade de uma renúncia ao prazer do sexo e da morte como condição de pensamento, de sobrevivência, de procriação de gente e de ideias.

Contudo, estudando as neuroses obsessivas e a melancolia, após sua inclusão de Tânatos, Freud vai falar do superego como “cultura pura do instinto de morte”. Vemos, pois, a incrível fragilidade da defesa. Instaurado como baluarte contra os impulsos destrutivos, o superego acaba se transformando no reduto inexorável desses impulsos. Volta-se contra o próprio ego, atingindo as formas mais virulentas de destruição, até o suicídio. Mas é necessário supor que ele deva se instaurar. A pulsão de morte silenciosa, da qual a destruição é apenas um de seus representantes ruidosos (como diz Ricoeur), é muito mais extensa que isso. Ela está na “compulsão à repetição, na volta ao inorgânico, na necessidade de retorno ao estado inicial, de repouso” que Eros quebrou. Instaurando topicamente um reduto interno da morte, Freud parece nos dizer que é função do aparelho psíquico encenar uma luta ativa, entre adversários distintos, iludindo, assim, pelo espaço de tempo de uma vida, a entrega passiva, a repetição compulsiva, a morte em vida. A luta ativa, perdida para muitos, não seria a consciência moral, a construção de uma ética, como propôs Sartre ao final?

Estamos em plena filosofia, o que não é nosso objetivo. Mas as perguntas permanecem, porque ser analista é o meu jeito de ser no mundo. Será Eros apenas o direito de se lutar para se ter a própria morte? E isto não é tudo? E o que o faz lutar mesmo sabendo que o desfecho já está decidido de início? O que o faz construir pessoas, ideias, pensamentos, ciências, artes, cultura, enfim. No fundo, o que é o homem e o “porquê” da existência. Sem respostas. Porém, o que é mais importante permanece, porque será sempre o grande lance que estará em jogo: as construções dos homens devem ser preservadas?

Mas continuemos. Sabemos também, com Freud, que o funcionamento único do princípio do prazer levaria também, irremediavelmente, à morte. Simplesmente nem seríamos, porque o desejo não poderia se instalar. A serviço do prazer, é necessário colocar em jogo o princípio da realidade, o único que poderia trazer a satisfação possível. Talvez tenhamos encontrado uma palavra-chave: a satisfação possível, contra a irredutibilidade da demanda do desejo. O desejo plenamente realizado seria a morte de si mesmo. A dialética do desejo exige a insatisfação para

que possa promover todas as infundáveis peripécias do que chamamos vida, “como se” fosse possível, alguma vez, chegar a realizá-lo. O objeto do desejo é o fim perdido, para sempre perdido, quem sabe desde sempre perdido, mesmo antes que um bebê perca o seio de sua mãe ou renuncie a ela como um objeto sexual. Essas perdas talvez personifiquem “a perda”. Mas qual? A do estado inorgânico? Já disse que não é hora de filosofar, mas as perguntas surgem quando ouvimos o outro se expressar, ou silenciar. Não quero também responder com teorias prontas. Quero apenas continuar pensando e poder falar de como uma “metapsicologia”, pensada por Freud, se expande e se interpreta e se reinterpreta no pensar de cada um. É o discurso que se desenrola a partir de outro, mesmo que não haja motivo algum para que isso aconteça, a não ser que o meu prazer de lhes falar seja algum motivo possível. Acredito que sim. Algo se cria e não apenas se repete, mesmo que esta criação seja apenas o meu jeito de falar de coisas que vocês já conhecem.

Assim, o “simbólico”, o herdeiro da morte, da perda, da ausência, atua Eros e se põe em luta contra sua própria ascendência. Construindo o homem e o que ele pode reinterpretar na sua luta contra a morte em si. O processo simbólico, que se transforma em vida, alimento, ideias a serem propagadas, escapa assim à sua origem e nos mostra a outra face, como quer Ricoeur, o lúdico, o mágico da comunicação comum, a convivência possível. Um novo lance de apostas na partida jogada entre a vida e a morte. Vale a pena preservá-lo?

Até aqui, pois, um fatalismo necessário, permitindo a construção do social. Onde o autoritarismo? Aguardemos um pouco.

Enquanto a psicanálise prossegue seu pensar (eu falarei mais adiante), o pânico se instaura. Estariam então justificadas as guerras, as opressões, as injustiças em nome de uma morte instalada em nós, contra a qual nada poderia ser objetado? Afinal, o instinto de morte promove morte e o prazer da morte. Como então buscar um viver mais justo, mais equilibrado, quando a destruição se torna uma necessidade constitucional? Saindo do terreno individual, as conclusões são trágicas.

Mas o suicídio também é um risco trágico. E os pensadores do social se alarmam. Será possível salvar apenas Eros e sua arte mágica de prazer e construção? A polêmica surge.

E todos nós conhecemos as grandes reflexões da Escola de Frankfurt. Muitos resolveram a questão simplesmente negando o postulado da morte e criando sistemas de pensamento nos quais o princípio do prazer dava conta das contradições. São inspirados por Reich. Para ele, a compulsão à repetição não provém do instinto de morte, mas pode igualmente tratar-se da repetição na busca do prazer. Reich tenta dar conta de sua oposição a Freud encarando sempre o instinto de morte como uma

“hipótese especulativa”, mas buscava obsessivamente na experiência clínica elementos que afirmem, o tempo todo, a sua negação. É com saber e desespero que tenta opor-se a essa possibilidade, e não simplesmente negando-a teoricamente como outros o fizeram. Sua teoria da genitalidade e do “prazer do orgasmo” é colocada com tal ímpeto, tal força, tal necessidade que poderíamos nos perguntar por que a morte não pôde entrar no seu universo mental e teve que permanecer à sombra, fazendo-o seu intérprete pessoal. Não desconhecemos o destino de Reich. Declara insano o inimigo. É preso e encarcerado. E morre. Vale a pena relê-lo.

É com Marcuse que a dualidade vida e morte reaparece em termos que podem ser pensados numa categoria social. Adotando a psicologia freudiana, vai procurar apenas aqueles elementos (na sociedade industrial) que transformam a luta entre Eros e Tânetos numa luta desigual, ou seja, aqueles elementos que promovem a morte adiantada, desnecessária e injusta por um incremento, um “a mais” nas forças repressoras, necessárias e inatas, dos processos psíquicos. Busca estudar o autoritarismo fora do indivíduo, como uma patologia do superego social. E busca socialmente libertar Eros, excessivamente reprimido, para torná-lo mais capaz de se opor a Tânetos. É a crença efetiva na possibilidade disso, o que, em Freud, era a grande dúvida. Marcuse tenta responder, nos parece, à última questão proposta por Freud no último parágrafo do *Mal-estar na civilização*: “agora só nos resta esperar que o outro dos dois ‘Poderes celestes’, o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?” Essa última frase foi colocada em 1931, quando a ameaça de Hitler começava a se evidenciar).

Bem, não podemos nos deter aqui porque o tempo passou, e o nosso lance de apostas tem que levar em consideração as vicissitudes atuais da partida.

Por um lado, o discurso psicanalítico prossegue. Melanie Klein, Bion, Lacan, para citar apenas alguns. M. Klein (seria coincidência ser uma mulher?) mergulha de cabeça na problemática da morte. Talvez possamos dizer que, como guardiã e intermediária concreta na criação de um novo ser, a mulher possa aceitar a luta contra a morte sem precisar negá-la, escamoteá-la ou derivá-la externamente. Diz uma analista francesa, Michèle Montrelay, que o simbólico, na mulher, não é o produto direto do temor à castração. Os acontecimentos ligados à castração, no que diz respeito à feminilidade, surgem por um esquecimento da feminilidade primária, concreta, plenitude total capaz de dar conta, por si mesma, do prazer, da vida e da morte: o reduto do narcisismo primário. A castração é forjada, para que o simbólico possa existir.

Diz-nos Klein que desde o nascimento existe um ego submetido à angústia de morte, de desintegração, e que utiliza a primeira defesa ao seu alcance: a projeção desta angústia no objeto (seio). Se tomarmos como palavra principal a angústia e não a morte, veremos que o que é projetado é o medo da morte, não o desejo de que a mãe morra. É esse medo que a mãe tem que sentir pelo seu bebê, sem, contudo, entregar-se a ele. Ela tem que lutar contra o medo da morte de seu bebê no seu próprio interior e devolver-lhe, a cada cuidado, um medo menor. É o que Bion vai chamar de reverie da função mãe. E os franceses vão chamar o Outro, com O maiúsculo. A função mãe é o campo de batalha da vida do bebê. É o Outro que se oferece à morte e ao medo em lugar de sua cria. É a estranha realização do simbólico, numa concretude dual, corporal, vivenciada. E como todas as batalhas, muitas vezes é ganha, algumas vezes perdida, certas vezes adiada. Como sabemos, muitos bebês sobrevivem, alguns morrem, certos deles enlouquecem.

Acho que, como discurso e prática, a psicanálise e aquele que se intitula psicanalista se oferecem como esse campo de luta entre Eros e Tânatos, o substituto simbólico da função mãe. Não haverá mães suficientes em nossos tempos, nem outros substitutos? Sempre foi assim?

Continuemos a pensar. Busca-se em cada análise, aceitando a morte, a linguagem do superego, tornar o grande sentimento inconsciente de culpa o menos cruel, o menos destruidor, o menos “impotente” possível. Por que menos impotente? Porque tenho para mim (e quantos o permitiram corroborar) que o autoritarismo superegoico se instala como representante invertido das vicissitudes de sua impotência. O superego arcaico, sádico, foi, no dizer de Klein, o primeiro produto das fantasias “onipotentes”, diante, justamente, da maior impotência experimentada pelo ser humano no seu ciclo de vida. Impotência que foi acentuada se a reverie da mãe ou se “a violência necessária” da mãe, como diz Piera Aulagnier, não puderam ou não foram capazes de retransmitir o prazer de viver, não permitindo a atuação de Eros e da face lúdica da morte; não permitindo, enfim, o truque da simbolização, o coringa do jogo.

À constitucionalidade inata da morte acrescenta-se a morte real imposta pelo outro (seja física ou mental). Quando a mãe não contém, o ego se fragmenta, diz Bion; se a mãe não reconhece, o discurso se quebra, diz Aulagnier.

Podemos então pensar, mesmo não acontecendo morte ou loucura catalogada, que as figuras primárias têm que se internalizar de uma forma radical, autoritária, na tentativa de ser capaz de dar conta da angústia que o outro falhou em conter.

Temos então a instalação do superego autoritário, que silencia o dilema mortal e que permite ao sujeito eximir-se posteriormente de

qualquer modelo de angústia, de qualquer questionamento psíquico, mas às custas de um ego fantoche, obrigado a seguir padrões rígidos de comportamento, e cuja vida mental e emocional parece congelada. O autoritarismo, pois, como fatalidade intrapsíquica, instalar-se-ia no momento da falha do outro, como última tentativa de sobrevivência possível, mas onde já estão perdidos o prazer da convivência, do simbólico, do lúdico. A linguagem que se instaura ou apenas arremeda o falar criativo da própria vida ou vai falar diretamente em destruição, quer seja no suicídio, quer seja na destruição do outro. É uma linguagem repetida de pais arcaicos, que se recusaram a amar e que continuam a falar por aquele que pensa estar impondo sua própria vontade e poder. Concordamos, pois, numa outra dimensão, com o que diz Marilena Chauí sobre o pensamento autoritário, quando o discute em seu estudo das ideologias: “Seria ilusório supor que o pensamento autoritário desemboque numa exigência de obediência, pois este é o seu próprio ponto de partida: precisa de certezas prévias para poder efetuar-se e vai buscá-las tanto em “fatos” quanto em “teorias”” (1978, pp. 37-38).

Em nossas palavras, vai buscá-las num simulacro paternal que foi obrigado a se impor e ao qual é obrigado a obedecer para que possa sobreviver, pois perdeu-se a confiança, o respeito e o amor do outro e pelo outro.

Temos, pois, no registro do individual, a formulação interna da dominação-submissão, permitindo um arremedo de vida.

Poderíamos passar para uma visão mais ampla? Podemos pensar a vida social não mais como uma mãe promovendo vida, mas exercendo um “a mais” de violência e morte, obrigando cada homem a internalizar um discurso arcaico que só pode ser expresso pela violência ou submissão?

Efetivamente, os homens adquiriram o poder de se destruir como um todo. Não mais a vida social como a possibilidade de existência comum diante de um ambiente hostil, mas como um “reduito, uma cultura pura da morte”, que pode, como na melancolia, voltar-se contra si mesma. A destruição por uma escolha interna e alienada.

Novamente, nos colocamos na posição de Freud em 1931. Será Eros capaz de vencer ou a morte ganha?

Se o logro do autoritarismo psíquico puder ser revelado, talvez haja uma chance contra sua ilusão mortífera. A morte do próprio pensamento, a morte do outro não precisa ser a última saída.

Sartre, em sua última entrevista, falou em esperança; Marcuse, nos seus últimos escritos, acreditou no movimento da mulher, ainda não inserida totalmente nas condições alienantes da sociedade atual, para

instaurar uma nova saída; Barthes fala da linguagem amorosa para se contrapor à linguagem do poder; a psicanálise, desde Freud, aponta aos homens o seu descaminho.

Contudo, podemos ter ainda alguma esperança mesmo se alguns grupos feministas trouxerem como bandeira o abandono e a morte?

O aborto e a creche permitirão a existência da mulher como ser autônomo, ou apenas realizarão o que Marcuse temia: sua inserção do lado errado da luta? E como poder pensar tudo isso se o discurso amoroso, como diz Barthes (1977, p. 8), “foi completamente abandonado pelas linguagens vizinhas: ou ignorado, ou depreciado, ou caçado por elas, cortado não somente do poder, mas também de seus mecanismos (ciências, saber, artes)”?

Será que Eros vai viver apenas no último amor de mãe pelo seu bebê ou no último amor de um analista pelo seu analisando?

Coloco minhas inquietações para vocês. Se foram colocadas em tons de história e de discurso, implicam, contudo, consequências que as extravasam. Mas talvez ninguém queira saber disso. Um arremedo de vida, por enquanto, satisfaz à morte. Cabe a nós falarmos disso enquanto pudermos e se quisermos.

No mais, me detenho para dar a palavra a vocês. Afinal, o real do meu desejo de vir aqui falar-lhes se satisfaz no prazer de ouvi-los, se possível<sup>1</sup>.

■

**Resumo** O presente artigo parte de reflexões sobre o eterno conflito entre Eros e Tânatos para elaborar uma compreensão do autoritarismo psíquico. Ao identificar suas raízes na instalação de um superego arcaico e sádico, o autoritarismo é concebido como representante da impotência frente às angústias de morte. Essa impotência torna-se ainda mais acentuada diante da impossibilidade da reverie materna em conter as angústias constitucionais da criança e lhe retransmitir o prazer de viver.

**Palavras-chave** autoritarismo, superego, reverie, Eros e Tânatos.

### **Authoritarianism: psychological fatality?**

**Abstract** This article reflects on the enduring conflict between Eros and Thanatos to explore the nature of psychic authoritarianism. Rooted in the formation of an archaic and sadistic superego, authoritarianism is understood as an expression of impotence in the face

<sup>1</sup> À minha amiga Sonia Curvo de Azambuja, não só pelo estímulo, pela troca de ideias, pelas oportunas sugestões bibliográficas, mas principalmente pelo que é ela em mim.

of death anxieties. This sense of powerlessness is further intensified when maternal reverie fails to contain the child's innate anxieties and to convey back to them the pleasure of living.

**Keywords** authoritarianism, superego, reverie, Eros and Thanatos.

## Referências

- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação*. Imago.
- \_\_\_\_\_. (1976). Du secret. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 14.
- Barthes, R. (1977). *Fragments d'un discours amoureux*. Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1978). *Leçon*. Seuil.
- Chauí, M. (1978). Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In E. Jelin & S. T. de Lima (Orgs.), *Ideologia e mobilização popular* (pp. 57-112). Paz e Terra.
- Marcuse, H. (1968). *La fin de l'utopie*. Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1972). *Eros e civilização*. Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1979). The failure of the New Left? *New German Critique*, 18.
- Montrely, M. (1977). *L'Ombre et le nom*. Les Éditions de Minuit.
- Reich, W. (1974). *Psicologia de massas do fascismo*. Escorpião.
- \_\_\_\_\_. (1979). *A função do orgasmo*. Brasiliense.
- Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Imago.
- Sartre, J.-P. (1980, 16-18 de abril). Entrevista. *O Estado de S. Paulo*.
- Slater, P. (1978). *Origem e significado da Escola de Frankfurt*. Zahar.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago.

DOI  
10.5935/0101-3106.v47n80.14



Fig. Capa IDE, v. 6, n. 8, 1980.